

PROMOVENDO A EXCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: O CASO DO *BULLYING*

*Taiane Barbosa Ferreira

A palavra *bullying* é utilizada no contexto escolar, fazendo referência às ações agressivas entre alunos ou grupos de alunos. Contudo, o *bullying* não é simplesmente uma brincadeira inofensiva, hoje, é reconhecido como problema de saúde pública, recorrente no contexto escolar, e com conseqüências sérias. Nesse cenário, com o objetivo de esclarecer o fenômeno do *bullying*, no contexto escolar, refletindo os motivos que levam tanto criança, como adolescente a cometerem tal prática, ratifica-se a necessidade imediata de promover e resgatar a cultura da paz nas escolas, nas famílias e na sociedade. O presente artigo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, em que foi utilizado como estratégia, o tipo de pesquisa bibliográfica. Notou-se que esse fenômeno cresceu de tal forma que passou a ser destaque em jornais e matérias de revistas de grande circulação. Ademais, observou-se que os ataques podem causar danos irreparáveis, porém a atuação conjunta dos profissionais voltados para a educação, que perpassa desde o porteiro ao diretor da escola, pode contribuir com ações que inibam esse fenômeno nesse contexto.

Palavras-chave: Problema. Irreparáveis. Atuação conjunta.

ABSTRACT

The word *bullying* is used in the school context, referring to aggressive actions among students or groups of students. However, *bullying* is not simply a harmless joke, today it is recognized as a public health problem, recurrent in the school context, and with serious consequences. In this scenario, in order to clarify the phenomenon of *bullying* in the school context, reflecting the reasons that lead both children and adolescents to commit such practice, the immediate need to promote and rescue the culture of peace in schools, families and society. The present article is characterized by a qualitative approach, in which the type of bibliographic research was used as strategy. It was noted that this phenomenon grew in such a way that it became prominent in newspapers and articles of magazines of great circulation. In addition, it was observed that the attacks can cause irreparable damages, but the joint action of the education professionals, who runs from the porter to the school director, can contribute with actions that inhibit this phenomenon in this context.

Keywords: Problem. Irreparable. Joint action.

*Doutoranda pelo programa de pós-graduação em educação pela Universidade da Columbia. Asunción-Paraguay.

1 INTRODUÇÃO

O *bullying* não é simplesmente uma brincadeira inofensiva, hoje, é reconhecido como problema de saúde pública, recorrente no contexto escolar, e com conseqüências sérias, tanto para vítimas, quanto para os agressores, que vão desde impactos na saúde emocional, quanto cognitiva, respectivamente, gerando ansiedade e baixo desempenho escolar.

No Brasil, a palavra *bullying* é utilizada no contexto escolar, fazendo referência às ações agressivas entre alunos ou grupos de alunos. Até pouco tempo, o que hoje reconhece-se com tal nomenclatura, era visto como fatos isolados, pontuais e, geralmente a família e a escola não tomavam atitude nenhuma a respeito.

Nota-se que a presença de casos de *bullying*, aumentou nos últimos anos, apontando que essa manifestação está, intrinsecamente, vinculada a conjuntura social. Em outros termos, a violência é tida como um fenômeno social, produzida e reproduzida, no contexto escolar. Dentro dessa ótica, faz-se necessária uma articulação entre os profissionais presentes nesse espaço, de forma contextualizada e acertada para enfrentamento da questão.

Segundo dados do Ministério da Saúde e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016) a presença de casos de *bullying* nas escolas brasileiras aumentou em 7% (sete por cento) nos últimos anos, apontando que essa manifestação foi a forma de violência que mais prevaleceu nas escolas, em que aproximadamente 47% (quarenta e sete por cento) dos alunos relataram ter sofrido essa forma de agressão.

Nesse cenário, ratifica-se a necessidade imediata de promover e resgatar a cultura da paz nas escolas, nas famílias e na sociedade. Logo, nesse movimento é legítima a participação dos profissionais da educação, comunidade escolar, uma vez que pode trazer às equipes interdisciplinares uma análise dialética do real, com propostas eficazes de intervenção.

O presente artigo tem como objetivo esclarecer o fenômeno do *bullying*, no contexto escolar, refletindo os motivos que levam tanto criança, como adolescente a cometerem tal prática e ampliar a exclusão nesse espaço. Ademais, o tema em questão foi escolhido por três aspectos: os episódios de

aumento de *bullying* de forma considerável no contexto escolar, além das graves consequências de ordem psicológica e cognitiva que acarretam.

É preciso que a escola e a família estejam atentas ao que acontece na escola, observar como são estabelecidas as relações interpessoais no contexto escolar, que emoção é transmitida ao ir para escola, ao retornar dela, bem como outros elementos visivelmente identificados.

Na verdade, trata-se de um movimento de promoção, no que tange a uma reflexão sistemática dos profissionais da educação, da comunidade escolar, no enfrentamento do *bullying*, no contexto escolar. Para tanto trata-se de um estudo bibliográfico, construído em três seções: introdução, desenvolvimento e considerações finais, em que foi percebido o lugar do fenômeno, no contexto escolar: *bullying* é um espelho que reflete a questão contemporânea e cultural da sociedade, violência.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, em que foi utilizado como estratégia, o tipo de pesquisa bibliográfica. Nessa perspectiva, para consolidar esse tipo pesquisa empregou-se como instrumentos de coleta de dados, materiais já publicadas tais como: livros, artigos e dissertações, *sites*. (GIL, 2008)

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teórico já analisado e publicado por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Segundo Gil (2008) a pesquisa bibliográfica coloca o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi impresso, dito ou filmado, inclusive conferências seguidas de debates.

A escolha da pesquisa qualitativa justifica-se para a construção desse artigo, visto que não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento e compreensão do tema. Segundo Minayo (1996) a pesquisa qualitativa é predominantemente descritiva. Os dados coletados são mais uma forma de palavras ou figuras, do que números. Como não se

preocupa com os números, mas com o aprofundamento de temas e como esse está sendo compreendido pela comunidade científica em geral, essa pesquisa é a mais indicada para o desenvolvimento do artigo.

De acordo com Gil (2008) a abordagem qualitativa opõe-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores numa abordagem qualitativa recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos, nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

Assim, partindo da abordagem qualitativa, do tipo de pesquisa bibliográfica há necessidade esclarecer o fenômeno do *bullying*, refletindo os motivos que levam tanto criança, como adolescente a cometerem tal prática, promovendo a exclusão, no contexto escolar.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Durante muito tempo, comportamentos como o de apelidar, ridicularizar alguém podiam ter sido compreendidos como inofensivos ou naturais do período da infância/adolescência e fruto das relações interpessoais desenvolvidas, no contexto escolar. Porém, esse tipo de conduta passou a ser seriamente considerada, em decorrência de situações dramáticas, que têm ocorrido em diversas partes do mundo, envolvendo jovens que invadem escolas, assassinava pessoas e/ou cometiam suicídio.

O tema da violência, nas instituições de ensino começou a ganhar repercussão e, a partir da década de 1970, estudos sobre agressões entre alunos nas escolas vem sendo desenvolvidos com o objetivo de conhecer a questão e caracterizar uma forma de violência entre pares que tem sido chamada *bullying*. O fenômeno começou a ser estudado, de forma mais específica na Suécia. Contudo, o assunto se destacou em 1982 quando três estudantes na Noruega, com idade entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio, tendo como causa identificada o *bullying*.

O evento impressionou a comunidade e deu início ao desenvolvimento de uma campanha *anti-bullying*, resultando também, na criação de um programa de intervenção nas escolas que contou com o envolvimento de professores e pais, visando à conscientização do problema, além de promover apoio às vítimas. (STARR, 2005) Nesse trabalho, o psicólogo sueco desenvolveu uma pesquisa nacional, diagnosticando o *bullying* e estabelecendo critérios para diferenciá-lo das brincadeiras próprias da faixa etária.

A expressão *bully* é derivada do inglês e sem tradução no Brasil, é empregado para expressar comportamentos agressivos no ambiente escolar, praticados por alunos ou grupos de alunos. Os atos de violência ocorrem de maneira intencional e repetitiva contra um ou mais indivíduos, que se encontram impossibilitados de reagir às agressões sofridas. Esses comportamentos que podem ser agressões verbais ou morais repetitivas e sem justa causa não apresentam motivações justificáveis, os mais fortes utilizam os mais frágeis como objetos de diversão, prazer e poder, com a intenção de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. (SILVA, 2006)

Assim, o *bullying* não é um fenômeno moderno, mas vem sendo reconhecido como causador de danos e merecedor de medidas especiais para a sua prevenção e enfrentamento. (PEREIRA, 2009) Trata-se de um problema complexo e de causas múltiplas. Fante (2005) explica que o termo *bullying* não é utilizado em todos os países. Na Itália, foi conceituado como *prepotenza*; na Espanha, *intimidación*; e no Japão, utiliza-se *yjime*. Na Noruega e Dinamarca é conhecido como *mobbing*, que significa tumultuar; na Suécia e Finlândia, emprega-se *mobbing*.

O *bullying* e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência. O *bullying* diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal, por meio da violência. A vitimização ocorre quando uma pessoa é receptora da agressão de outra mais poderosa. Tanto o *bullying* como a vitimização têm consequências negativas imediatas e tardias de ordem psicológica e cognitiva sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores. (LOPES NETO, 2005)

Vale destacar, que o *bullying* não é um fenômeno novo, pois a violência que caracteriza esse fenômeno sempre aconteceu, porém ora era velada, ora

era caracterizada de outra maneira. No cenário brasileiro foi, sobretudo, na década de 1990 que o *bullying* passou a ser discutido, contudo a partir de 2005, o tema passou a ser objeto de discussão em artigos científicos. De acordo com Abramovay (2003):

Embora os estudos sobre o *bullying* escolar no Brasil sejam recentes, o fenômeno é antigo e preocupante, sobretudo em função de seus efeitos nocivos. O que há de novo é a perspectiva de estudo adotada com um desejo imenso de identificá-lo, preveni-lo e combatê-lo. (ABRAMOVAY, p. 33, 2003)

É consenso entre os autores que o *bullying* sempre esteve presente no contexto escolar, promovendo a exclusão, mas a diferença está nos novos estudos e métodos seguidos pelos profissionais na busca da identificação, prevenção e combate dessa quimera que se alastrou nas escolas.

A escola é o ponto de referência, um espaço de reprodução do social e o lugar de fazer amigos de crescer juntos, além dos estudos eles conversam, jogam, brincam, em cenas assim parecem apenas num intervalo entre aulas, mas muitas vezes não é o que parece.

Segundo Abramovay (2003), a sociedade tem demonstrado preocupação com a violência no âmbito escolar, pois esta afeta não só os alunos, como também os professores, diretores e pais. De acordo com a mesma autora, as causas e as consequências da violência nesse contexto são inúmeras, por isso, torna-se fundamental conhecer, interrogar e construir uma visão crítica sobre o fenômeno.

A escola é um ambiente de tensão, que é gerada fora dela, ou seja, contém os problemas familiares e da sociedade, como por exemplo, a violência. A escola é também geradora de tensão, nela são depositadas as esperanças de um provável benefício para a vida social e profissional de seus frequentadores, é por meio da escola que as crianças e os jovens poderão ser inseridos na vida social. (CHARLOT, 2002). Para Charlot (2002):

Há uma forte tensão no universo escolar. Essa tensão é ainda mais forte porque a representação da escola como via de inserção profissional e social apagou a idéia da escola como lugar de sentido e de prazer. Essa tensão pode eclodir a qualquer momento tornando-se de fato um ato concreto de violência. Sendo assim, entender até que ponto a violência pode prejudicar na aprendizagem e no interesse

pela escola torna-se essencial principalmente ao profissional da pedagogia. (CHARLOT, 2002, p.19)

De fato, o caráter multifacetado da violência no ambiente escolar, impõe uma série de desafios, no que tange à definição do fenômeno do *bullying*. Um desses é distinguir o fenômeno para que se possa estabelecer com clareza o papel dos profissionais da educação, enquanto instituição voltada a prevenção da violência. (ABRAMOVAY, 2003)

A escola, ainda, é um ambiente pouco explorado como local perpetuador da violência, da exclusão. (LOPES NETO, 2005) A violência é multidimensional e possui um caráter complexo. Isso gera uma dificuldade de delimitação conceitual, evidenciando controvérsias quanto ao objeto, à natureza e às causas desse fenômeno. A significação da violência se dá a partir do contexto social, econômico ou cultural, no qual está inserida.

A violência na escola é caracterizada a partir dos seguintes eventos: a violência física em um indivíduo ou grupo atinge integridade física de outro e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos e homicídios. A violência simbólica, de cunho psicológico, que envolve símbolos de autoridade; utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder; e a violência verbal, incivildades (pressão psicológica), humilhações, palavras grosseiras, desrespeito, intimidação ou *bullying*.

A escola é vista, tradicionalmente, como um local de aprendizado, avaliando-se o desempenho dos alunos com base no conhecimento socialmente referendado e no cumprimento de tarefas acadêmicas. Todos desejam que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, em que crianças e adolescentes possam desenvolver ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais. Segundo Laterman (2000), a escola parece portar funções variadas, entre elas: função social, ao compartilhar com a família a educação de crianças e jovens, função política, quando contribui na formação do cidadão, e função pedagógica, por ser o local privilegiado na transmissão e construção do conhecimento.

O impacto da escolarização, entretanto, não pode ser analisado sem a reflexão do contexto sociocultural, mais amplo em que o sujeito se insere,

sobretudo as diferentes práticas culturais e vivências familiares. Nessa rede de histórias, de percursos, em que condições estruturais de vida e edificação de vínculos pulsam no contexto escolar - podendo resultar em novas construções afetivas e também, gerar adversidades intra e interpessoais - o tema *bullying* apresenta-se como importante fenômeno a ser compreendido e contextualizado.

Na escola, tal comportamento violento acontece em todos os locais, incluindo as mediações. Entretanto, alguns lugares foram identificados como aqueles em que a frequência de *bullying* é maior: o pátio de recreio e a sala de aula. Fante (2005) explica que no Brasil, as salas de aula são os locais preferenciais para o *bullying*. Entretanto, alguns estudiosos do tema assinalam que o recreio é preferido pelos agressores por ser um local, em que podem praticar o fenômeno sem que sejam identificados com facilidade, evitando assim, prováveis punições. Já na sala de aula, sob a vigilância do professor, é mais difícil passar despercebido e ficar impune.

Segundo Laterman (2000), a escola deve ser um lugar seguro, no qual os alunos aprendam a ser sujeitos melhores, mais humanos, no sentido amplo do termo; um lugar em que as condutas de humilhação, constrangimento, ridicularização não devem ter espaço. Segundo, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1992) a criança precisa ser assegurado o direito de conviver no ambiente seguro, em que a liberdade, o respeito e a dignidade sejam suas premissas, contudo, o *bullying* e todas as conseqüências imbricadas nesse fenômeno vão contra esse direito.

O artigo 17 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1992) define que o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. Entretanto, a escola, dependendo das relações que são estabelecidas nesse espaço, pode se tornar um ambiente, em que se consegue o respeito através da chantagem, do grito, da humilhação, fazendo com que haja desinteresse por parte dos alunos em relação à aula e ao ir à escola, ampliando a exclusão a que muitos já são submetidos.

Na escola, Calhau (2009) conceitua o *bullying* como um fenômeno complexo, multidimensional e relacional, geralmente, entre pares, caracterizado

como um comportamento violento, repetido e intencional, que ocorre ao longo do tempo, em relações caracterizadas pelo desequilíbrio de poder. Ele pode ser classificado em três tipos (físico, verbal e indireto), dado suas características e os danos psicológico e cognitivo, que causa aos envolvidos, acompanhando suas vidas e direcionando a maneira como atribuem sentidos, significados ou respondem às relações sociais, no contexto escolar.

O fenômeno aponta aspectos preocupantes quanto ao seu crescimento, e principalmente, por atingir os primeiros anos de escolarização. Estima-se que de 5% a 35% das crianças em idade escolar estejam envolvidas em condutas agressivas no contexto escolar, atuando como vítimas ou agressoras. (FANTE, 2005) O mesmo autor define o *bullying* universalmente como:

Um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros, causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e matérias. (FANTE, 2005, p. 28)

Dentre os transtornos mais diagnosticado, a partir do fenômeno estão à ansiedade, tensão, medo, irritabilidade, dificuldade de concentração, tristeza, insegurança, sensação de impotência e rejeição, sentimentos de abandono oscilações do humor, pensamento suicidas, depressão, entre muitos outros (FANTE & PEDRA, 2008).

Ainda, pode-se definir o *bullying* como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, no qual os mais fortes transformam os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, por meio de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. (FANTE, 2005)

As brincadeiras que acontecem naturalmente entre crianças, adolescentes no espaço escolar são saudáveis. Inclusive, integra a turma e todos participam, se divertem e são incluídas. As brincadeiras passam a ser *bullying* quando há exclusão, sentimentos negativos, quando uma ou mais pessoas são suprimidas, afastados. De acordo com Fante (2005), alguns pesquisadores consideram no mínimo três ataques contra a mesma vítima durante o ano para ser classificado como *bullying*.

Mesmo quando ocorre, diariamente, brigas entre os alunos, nem sempre podem ser considerados atos de *bullying*. Essa situação é diferente, pois o *bullying* acontece quando um ou mais alunos, por nenhum motivo explícito implica com outro e tenta por diversas formas sucumbir o outro.

Não se pode considerar *bullying* algumas situações desrespeitosas, como apelidos sem fundo pejorativo, xingamentos ou brigas momentâneas, como não emprestar algo, por ter derrubado sem querer o material escolar. Esse comportamento se refere à falta de respeito, pois as crianças principalmente, em determinada idade são bastante impulsivas, agem sem pensar nas conseqüências, xingam por estarem com raiva. Presencia-se nas escolas casos, em que alunos brigam, se xingar, porém alguns minutos depois, voltam a conversar como se nada tivesse ocorrido, ou seja, toda aquela agressividade foi pelo problema do momento, mas não é uma rivalidade entre os alunos.

Os principais protagonistas, no contexto violento da escola, podem ser classificados como autor, vítima e testemunha de acordo com sua reação à situação do *bullying*. Não há evidências que permita saber qual personagem adotará cada aluno, sendo que poderá sofrer alterações de acordo com as circunstâncias vivenciadas no contexto escola e no momento do fenômeno. Contudo, identificá-los é fundamental, mas com o cuidado de não rotular os alunos, para que não sejam motivos de rumores desagradáveis e sem necessidade dentro do espaço escolar.

As vítimas ou alvos, expostos às ações negativas que causam danos, ferem e incomodam são os indivíduos considerados mais fracos, pouco sociáveis, que têm temperamentos mais quietos, passivos, transformados em objeto de diversão por meio de brincadeiras que machucam (emocionalmente), que como já explicitado, podem causar desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos comportamentais, interferindo em seu desenvolvimento emocional.

Se algum indivíduo estiver envolvido em um caso de *bullying* no espaço escolar, seja ele na condição de vítima, agressor ou testemunha da situação, possivelmente ele apresentará alguns dos sintomas abaixo: baixo rendimento escolar; reclama da escola e não quer mais ir a ela; vontade de não sair de casa, com baixa autoestima; tristeza e sentimentos negativos; medo e

ansiedade; sentimento de vingança e agressividade; insônia e pesadelos; desinteresse por coisas que gostava de realizar; problemas de saúde sem diagnóstico; insegurança e desconfiança no outro; entre outros sintomas.

Conforme afirma Chalita (2008), os autores do *bullying*, comumente são alunos populares que precisam de platéia para agir. Reconhecidos como valentões, oprimem e ameaçam suas vítimas por motivos triviais, apenas para impor autoridade. Com isso, se sente reconhecido e realizado, sempre mantendo um grupo em torno de si, para se permanecer apoiado, sentindo prazer e satisfação em dominar e causar danos às vítimas.

Para Fante (2005) os agressores que contribuem, juntamente, com o agressor para a prática da violência, também são considerados *bullies*. A conduta do agressor caracteriza-se pela dominação e imposição, mediante o poder e a ameaça para conseguir aquilo que almeja. Os que praticam têm grande perspectiva de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delituosas ou delinqüentes.

Os meninos, com uma frequência muito maior, estão mais envolvidos com o *bullying*, tanto como autores quanto como vítimas. Geralmente, pertencem a famílias, em que há ausência de carinho, diálogo, presença dos pais e, principalmente, de limites. Os *bullies*, adultos no futuro, geralmente se envolvem em situações antissociais e de risco, quais sejam: roubo, drogas, álcool, tabaco, vandalismo e brigas.

Ainda, dentre os protagonistas, mesmo que na condição de não participação, têm-se as testemunhas que representam a maioria dos alunos da escola. Eles não sofrem e nem praticam *bullying*, mas sofrem as suas conseqüências, por presenciarem constantemente as situações de sofrimento vivenciado pelas vítimas. Vale destacar, que muitas das testemunhas repudiam as ações dos agressores, porém, muitas vezes nada fazem para impedir. Inclusive, nesse contexto alguns alunos usam estratégias para se defender e não serem a próxima vítima, através de risadas, aplausos, fingindo se divertir com o sofrimento das vítimas.

Muitas vezes alunos que são alvos de intimidação por medo ou desconhecimento, não procuram ajuda e não sabem como se defender. Segundo Pereira (2009), há dois tipos de vítima: a vítima passiva que não reage, nem procura ajuda, finge não ligar, porém sofre em silêncio e é o tipo

mais comum, e a vítima-agressora, que reage com agressões verbais e/ou físicas quando são insultadas, o que piora a situação, pois o agressor aumenta as provocações ou como forma de compensação, procuram uma outra vítima mais frágil para reproduzir os maus-tratos sofridos.

Quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, essas ações, na maioria dos casos, são efetivas. Portanto, é importante incentivar o uso desse poder advindo do grupo, fazendo com que os autores se sintam sem o apoio social necessário. Considerando que uma das características de maior relevância da conduta *bullying* é a violência velada, faz-se necessário, tanto por parte da escola quanto da família estarem atentos a qualquer modificação, por menor que seja, em relação ao comportamento da criança ou jovem.

Em nível psicológico a vítima passiva é a mais prejudicada, pois os efeitos desse sofrimento, em silêncio, poderá se arrastar durante boa parte de sua vida. Sendo assim, poderá desenvolver ou reforçar a insegurança e a dificuldade de se relacionar, tornando-se uma pessoa retraída, com baixa autoestima e com sérios problemas de comportamento na vida adulta. A superação dos traumas sofridos na escola poderá ser suplantada, parcial ou totalmente, dependendo das características individuais da vítima e de como se relaciona com os meios em que vive, especialmente a família.

Em relação ao agressor, Lopes Neto (2005) chama atenção que:

O uso da violência não pode se consolidar como uma forma de resolução de conflitos, pois este irá reproduzir na vida adulta o modelo de relação anti-social que manteve na infância, adotando atitudes agressivas no meio familiar e/ou no ambiente de trabalho. (LOPES NETO, 2005, p.15)

Há que se ressaltar que as altas frequências de *bullying* estão aliadas a crenças errôneas sobre o desenvolvimento infantil e juvenil, levam professor a justificar que tal comportamento é 'coisa própria da idade', contribuindo para a naturalização do fenômeno. Infelizmente, é comum alguns professores e pais que consideram muitos dos comportamentos de *bullying* como parte da fase de desenvolvimento da criança ou do adolescente.

Esse processo de banalização gradativa desfaz a importância que se dá ao acontecimento e, paralelamente, proporciona a sua intensificação e o aparecimento de formas mais elaboradas e graves de *bullying*. No Brasil, os

casos de Taiúva em São Paulo, e de Remanso, na Bahia, também foram protagonizados por alunos vítimas de *bullying*. (FANTE, 2005) O *bullying* não tem caráter episódico, nem se refere a brincadeiras próprias da idade. Antes é um fenômeno violento, presente em todas as escolas, propiciando sofrimento para uns e conformismo para outros. (LOPES NETO, 2005)

O *bullying*, de acordo com Calhau (2009), pode ser desmembrado de forma direta ou indireta. A forma direta é utilizada com maior frequência entre agressores. E as atitudes mais usadas pelos *bullies* são os insultos, apelidos afrontosos por um período prolongado, comentários racistas, agressões físicas, extorsão de dinheiro, estragar objetos das vítimas e obrigar a realização de atividades servis e, por vezes constringedoras.

A indireta, por sua vez, é mais comum entre o sexo feminino, tendo como características atitudes que levam a vítima ao isolamento social, podendo acarretar maiores prejuízos de ordem psicológica, visto que, pode gerar traumas mais irreversíveis. O *bullying* indireto compreende atitudes de difamações, realização de fofocas, intrigas, rumores degradantes sobre a vítima e seus familiares, bem como atitudes de indiferença.

O comportamento do *bullying* pode ser identificado em qualquer etapa escolar. Ocorre em todo o contexto escolar, independente de sua localização, horário de aula ou condição social da comunidade escolar. É preciso deixar bem claro o que Chalita (2008) explica sobre o *bullying*. Para a autora o fenômeno não escolhe classe social, escola pública ou particular, área urbana ou rural, ele está presente em grupos de crianças e de jovens, em diferentes e culturas.

Silva (2006) considera que, no contexto familiar, os *bullies* crescidos e mais experientes podem ser identificados na figura de pais, cônjuges ou irmãos dominadores, manipuladores e perversos, capazes de destruir a saúde física e mental, e a autoestima de seus alvos prediletos. Neste contexto, é necessário esclarecer que a forma de educação, dentro da família pode ser definida como um caminho para alunos, participarem de atos violentos contra seus colegas da escola. Na verdade, uma das explicações para sua causa é a competição e ambiente familiar.

Pessoas extremamente competitivas também podem assumir um comportamento *bully*, ao vivenciarem sentimentos como ciúme e inveja,

dirigidos a um colega. Estes alunos vão praticar o *bullying* sem a agressão física, mas através da exclusão, de comentários depreciativos, da ridicularização. Complementando Palácio & Rego (2006):

O aluno é constantemente incentivado a competir e a se comparar com padrões pré-estabelecidos e o modelo que lhe é apresentado na escola corresponde, na maioria das vezes, ao modelo competitivo das empresas. A exacerbação e rigidez da aplicação de tais práticas pode gerar efeitos fortemente negativos. Daí a criação de ressentimentos e possíveis práticas do *bullying*, pois estas exigências recebem uma ênfase especial e levam a pressões para que os comportamentos dos alunos se adéquem a tal cultura competitiva e individualista. (PALÁCIO; REGO, 2006 p. 23)

Outra justificativa é a apresentada por Pereira (2009) em que a violência na escola, pode ser encarada como fruto de profunda desigualdade social, imposição de regras coletivas e reprodução de ações com os quais os alunos convivem em casa. É importante ressaltar que muitos comportamentos agressivos, baseiam-se nas condições sócio-históricas das crianças. Além disso, estas reações agressivas e violentas refletem sua base familiar e quais relações interpessoais são estabelecidas fora da escola

Para o psicólogo canadense Albert Bandura *et al* (2008), que produziu estudos acerca de antecedentes familiares na agressão, o estilo de vida que as famílias vivem é fundamental para o reforço do comportamento agressivo ou não. A teoria da modelagem de Bandura *et al* (2008) examina os efeitos da exposição a modelos agressivos sobre o comportamento das crianças e adolescentes. Para este autor, também a exposição a cenas de agressividade na televisão conduz, em curto prazo, a comportamentos agressivos as crianças ou jovens espectadores.

Entende-se que as causas para o surgimento do *bullies*, aqueles que praticam o *bullying* nas escolas, são muitas vezes provenientes de lares onde a agressividade é predominante, seja no comportamento dos familiares ou no acesso excessivo a filmes, redes sociais e jogos de computador com conteúdo violento. No contrário, quando a família, bem como o contexto social ensinam à criança ou jovens formas não agressivas de lidarem com conflitos, em que há cooperação, solidariedade e uma resolução amigável de problemas, ela vai procurar transferir estas práticas para seu convívio social mais amplo.

É consenso, que as práticas familiares, na infância mais precoce, estão claramente associadas a comportamento antissocial e delinquente posterior. Vale destacar quem sofreu *bullying* quando crianças ou jovem são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança freqüentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antisociais na fase adulta e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.

Alguns métodos pedagógicos utilizados também apresentam, de forma embutida e disfarçada, aspectos culturais que, de certa forma, podem servir de estímulo para o *bullying*. Há um acúmulo de violência nas escolas, que não são apenas vindas de fora para dentro, mas produzidas também pela escola. As instituições se apropriam do que a sociedade produz (violência) e são transmitidas nas escolas, com autoridade e força. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina (LATERMAN, 2000).

Nesse sentido, o clima social da escola também influencia significativamente, o engajamento dos alunos em comportamentos agressivos. O que os profissionais da educação devem ter em mente, no dizer de Estrela (2002), é que os comportamentos tidos como “problemáticos” e seus efeitos negativos, na verdade, nunca refletem os verdadeiros valores de uma pessoa.

Segundo Pereira (2009), a presença desse tipo de comportamento violento torna o contexto escolar um lugar hostil, propiciando um clima tenso, perpetuando a exclusão. Vale ressaltar que quando não há intervenções eficazes contra o *bullying*, o espaço escolar torna-se totalmente corrompido. Todos os alunos são afetados, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo.

Um ambiente escolar pautado em relações interpessoais autoritária pode incitar a competição, ruídos nas comunicações, relações verticais, bem como desconsiderar o ritmo dos alunos, promovendo a ampliação da exclusão, no contexto escolar. Por conta disso, quando se desconhece esse problema ou não há intervenções efetivas contra o *bullying*, tem-se um clima de

insegurança, tensão e estresse, deixando o ambiente escolar totalmente avesso a inclusão, uma vez que todos os alunos são afetados.

A escola, sem dúvida é o espaço em que depositamos a esperança de formação de um cidadão capaz, de um agir ético, infelizmente, tem sido o espaço da expressão da violência, fator antagônico a ética e que se opõe a concretização do objetivo maior da educação para a cidadania. Para Laterman (2000) as escolas tem sido espaço de várias expressões da violência, “que desorganizam a rotina idealizada por professores e alunos: agressões verbais e físicas, brincadeiras muito agressivas, humilhações, ameaças, depredações, indisciplina excessiva, desrespeito” até a ação de grupos que se situam no entorno da escola, agressões entre alunos e adultos.

Contudo, devido à complexidade que advém, principalmente, da multicausalidade de fatores determinante desse tipo de violência, visto que, não existe uma única causa que seja responsável pela sua produção, mas que é um fenômeno que está relacionado a vários e diversos fatores que agem em rede, ou seja, são fatores que agem de forma inter-relacionada. Essa multicausalidade explica, pelo menos em parte, porque é tão difícil enfrentar o *bullying*, já que para isso seria necessária uma atuação em todo esse conjunto de fatores.

O que se deve considerar com relação à busca de solução dos atos de violência que se fazem presentes nas escolas, é que o aluno violento não deve ser tratado como um problema. Antes de tudo, é preciso conhecer as experiências vividas por esse aluno e procurar detectar as causas da violência em suas atitudes.

Por fim, continua-se aceitar que o contexto escolar é o local da promoção da inclusão, é o ambiente entendido, prioritariamente, como um espaço de aprendizagem, da formação do cidadão e da promoção da cultura da paz, voltado a formação de mente sadias, fruto de relações de respeito, aceitabilidade e acolhedoras.

4. CONCLUSÃO

No contexto escolar, o *bullying* é uma realidade que vem tomando grandes proporções. Como a escola tem o dever de resguardar a integridade física e psicológica de seus alunos, a partir do desenvolvimento do artigo pode-se perceber que o *bullying* vem crescendo de forma desenfreada em nossa sociedade, causando dor e sofrimento, logo, não permitindo que essa integridade seja plenamente assegurada por esse espaço.

Notou-se que esse fenômeno cresceu de tal forma que passou a ser destaque em jornais e matérias de revistas de grande circulação. Casos extremos causam indignação, consternação e medo, mas de acordo com a pesquisa bibliográfica, no contexto escolar pouco se faz de concreto, no que tange ao estudo das variáveis que a geram e controlam esse fenômeno. Pouco se sabe o que está sendo feito em termos de educação, para sanar essa realidade, seja na formação dos profissionais da educação, seja na orientação dos alunos e famílias.

Observou-se e, é consenso que os ataques podem causar danos irreparáveis ao longo da vida das vítimas, pois seus efeitos em nível psicológico e cognitivo são visíveis e prejudiciais. O medo, a ansiedade, a depressão, a insegurança e a baixa autoestima são apenas alguns dos problemas emocionais mais evidentes.

Atuação conjunta dos profissionais voltados para a educação, que perpassa desde o porteiro ao diretor da escola, pode contribuir com ações que inibam esse fenômeno. Acredita-se que para os professores e funcionários da escola, com altos índices de *bullying*, inibir esse fenômeno é um verdadeiro desafio. Contudo, não basta conhecer esse desafio, na verdade, o que se sugere é uma atitude proativa, diante do fenômeno, dentre essas estão melhorar as relações interpessoais e disseminar a cultura da paz, coibindo ações violentas.

Ademais, o que se propõe é ampliação da compreensão dos profissionais, que fazem parte desse contexto, a fim de contribuir para uma educação além da sala de aula, na construção de repostas que cooperem com

o processo educativo inclusivo, que têm por consequência fazer com que as vítimas abandonem o contexto escolar.

Nessa direção, convida-se a reflexão sobre a necessidade de mais trabalhos nessa natureza, a fim de promover a formação de profissionais que atuam no contexto escolar, para que os mesmos consigam de forma concreta contribuir no combate ao *bullying*, bem como estejam preparados para orientar os envolvidos.

Após o término do artigo ficou claro que os objetivos foram atingidos, assim fica a sugestão para a comunidade científica de estudos dessa natureza, visto que não são tão difundidos a fim de proporcionar um esclarecimento real sobre o fenômeno, bem como impactos que geram no campo psicológico e cognitivo, promovendo a exclusão, no contexto escolar.

5. BIBLIOGRAFIAS

ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília: Unesco, 2003.

_____. (Org.). **Violência nas escolas**: situação e perspectiva. Boletim 21, Unesco, v. 1, 2005.

BEAUDOIN, M.; TAYLOR, M. **Bullying e Desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Trad. Sandra.R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BANDURA, A.; AZZI, R.; POLYDORO, S. (Orgs.). **Teoria social cognitiva**: conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

_____.IBGE. **Pesquisa Nacional sobre bullying**. Disponível em:< <https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 08 abril 2018.

CALHAU, L. **Bullying**: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. Niterói, RJ: Impetus, 2009.

CHALITA, G. **Bullying**: O sofrimento das vítimas e dos agressores, Ed. Gente, 2008.

CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, 2002.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 4. ed. Porto: Porto, 2002.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª edição. Campinas. Editora Versus, 2005.

FANTE, C. & PEDRA, J. A. **Bullying Escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LATERMAN, I. **Violência e incivildades na escola**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

LONGO, M. **Violência e medo rondam as escolas**. O Popular, Goiânia, p. 5, 18 nov. 2008.

LOPES NETO, A. **Bullying**: comportamento agressivo entre estudantes. J. Pediatr., Porto Alegre, v. 81, n. 5, 2005.

MEDEIROS, R. **A trajetória da pesquisa**: de dentro e fora das escolas. In: _____, IROS, R. (Org.). *A escola no singular e no plural: um estudo sobre violência e drogas nas escolas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KRISTENSEN, C. *et al.* **Fatores etiológicos da agressão física**: uma revisão teórica. *Estud. Psicol. Natal*, v.8, nº. 1, apr. 2003. Disponível em < <http://www.scielo.php>. Acesso em 24 fev. 2017.

PALACIOS, M.; REGO, S. **Bullying**: mais uma epidemia invisível? *Revista Brasileira Educ. Med.*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, 2006.

PEREIRA, S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

STARR, L. **Bullying intervention strategies that work**. 2005. Disponível em: <http://www.educationworld.com/a_issues/issues/issues103.shl>. Acesso em: 12 abril 2018.

SCHILLING, F. **Violência nas escolas**: explicitações, conexões. Série cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos, v,4. Curitiba: SEED, 2008.

SILVA, G. J. **Bullying**: quando a escola não é um paraíso. *J.Mund Jov*, 2006.